# “Snow cai como a neve, sempre por cima de tudo”: uma leitura ecocrítica do antropocentrismo em *Jogos vorazes*, de Suzanne Collins

“Snow lands on top!”: an ecocritical reading of antropocentrism in *The Hunger Games*, by Suzanne Collins

Ferdinando de Oliveira Figueirêdo
IFSertãoPE

Sueli Meira Liebig
UEPB

https://doi.org/10.5007/2176-8552.2026.e99757

# Resumo

Este artigo pretende analisar a narrativa distópica em *Jogos vorazes* (2008), primeiro volume da trilogia com mesmo título, da escritora norte-americana Suzanne Collins, pela ótica dos Estudos Ecocríticos. Uma abordagem especial será concedida à Capital e ao seu governante, o presidente Coriolanus Snow, com base na ideia do quanto a condição antagonista do personagem expõe o autoritarismo antropocêntrico que permeia o panorama pós-apocalíptico representado na obra. Logo, este estudo estabelece a compreensão acerca do ultrapasse de limites que o indivíduo aciona a partir de quando almeja a evolução individual e a consolidação de poder pela manipulação de elementos humanos e não-humanos que constituem o Planeta, em vista da proximidade do anseio capitalista e da realidade antropocêntrica, observada por estudos da contemporaneidade.



Palavras-chave: antropoceno; Ecocrítica; capitalismo; distopia; *Jogos vorazes.*



# Abstract

The article aims to analyze the dystopian narrative in *The Hunger Games* (2008), first volume of the trilogy with the same title, by the American writer Suzanne Collins, from the perspective of Ecocritical Studies. A special approach will be given to the Capital and its ruler, the President Coriolanus Snow, based on the idea of how the character's condition exposes the anthropocentric authoritarianism that permeates the post-apocalyptic context in the work. Therefore, the research establishes the understanding about the overcoming of limits that the human triggers from when he/she aims the individual evolution and the consolidation of power by the manipulation of human and non-human elements that constitutes the Planet through the proximity of the capitalist yearning and the anthropocentric reality observed by contemporary studies.



Keywords: anthropocene; Ecocriticism; capitalism; dystopia; *The Hunger Games.*

## Introdução

Nos últimos tempos, a atividade humana correspondeu a uma força potente na alteração da história da Terra a ponto de tornar-se necessária a criação de um conceito identificador desta nova época no sentido de significar esse impacto: o Antropoceno. Com efeito, a definição desta era parece cada vez mais presente nas formas culturais e na realidade da sociedade atual, de modo que a literatura tem demonstrado sua habilidade em ilustrar esse contexto devido aos métodos representativos sobre as falhas da contemporaneidade referente à soberania humana em vista da formação do Planeta, bem como a interferência dos humanos na preservação da vida em geral. As consequências geradas por tal processo refletem-se em diversos efeitos, como a ágil expansão da população humana, a exploração de boa parte da superfície terrestre do planeta, o desaparecimento das florestas, o crescimento exponencial da utilização de energia, etc. Sugere-se que essas mudanças, por sua vez, são derivadas dos anseios capitalistas dos homens em se consolidarem econômica e socialmente, comportamento esse protagonizado por aqueles que pertencem às classes mais favorecidas.

Quando se trata da distopia, ao longo de sua história e estruturação enquanto modalidade narrativa e ficcional, ela atua como um eficiente modelo cultural em representar cenários negativos, principalmente no que diz respeito aos possíveis caminhos problemáticos que os atos humanos tendem a assumir com relação às formas de vida e à própria espécie em tempos porvindouros. Ao aliar essa perspectiva ao viés fornecido pela Ecocrítica, entende-se essas estratégias empregadas por parte da humanidade como meios de preservar sua supremacia em relação aos outros seres. Isso é

verificado com maior amplitude nas obras distópicas publicadas neste século, como, por exemplo, as sagas norte-americanas *Maze Runner* (2009--2016), *Divergente* (2011-2014), e *Jogos vorazes* (2008-2010). Nelas, observa-se que à medida que se incorporam fatores como o clima, a tecnologia e as ideias do Antropoceno nas narrativas, os textos demonstram suas técnicas ricas em especular sobre tecnologias e condições futuras, bem como sobre a experiência humana em prováveis momentos históricos (Trexler, 2015).

Uma amostra de como obras desta categoria operam essas discussões referentes à realidade antropocêntrica corrente está na trilogia *Jogos vorazes* – sequencialmente *Jogos vorazes*, *Em chamas* e *A esperança* da escritora norte-americana Suzanne Collins. Situada em uma América do Norte pós-apocalíptica – nomeada Panem –, a narrativa gira em torno da realização de jogos anuais impostos pelo governo autoritário da chamada Capital, nos quais jovens entre 12 e 18 anos dos 12 distritos que compõem a nação lutam até a morte até restar um único sobrevivente. Narrada pela protagonista, a jovem Katniss Everdeen, a saga apresenta o presidente Coriolanus Snow, um antagonista cruel que, por mais que não expresse sua "voz" frequentemente na maior parte dos romances, instaura atos malignos governamentais na sociedade fictícia e no próprio torneio com o intuito de manter a forma totalitária no país que governa e, acima de tudo, preservar sua condição humana e econômica enquanto ordem suprema na sociedade em que se integra. Logo, a partir da concepção do ser humano como força modeladora da Terra e das condições impostas à sua própria espécie, a análise será focada no primeiro volume da trilogia, desenvolvida com base na representação deste poder político como uma expressão efetiva do capitalismo desenfreado existente no Antropoceno. Nesse sentido, as linhas teóricas de Anne Fremaux (2019), Helena Feder (2014), Rob Nixon (2011), entre outros, serão fundamentais

para compreender as relações que permeiam a Terra com o Antropoceno em conjunto com a dinâmica capitalista, bem como a aplicação deste fator interpretativo no estudo sobre a narrativa.

## Antropoceno e capitalismo: impasses de uma Terra em crise

A era antropocêntrica constitui uma esfera de possibilidades direcionáveis para a realidade que permeia a condição comprometedora da Terra, revelada pela crise ambiental. De certa forma, um dos principais fatores contribuintes para a realização de tal contexto está na prática crescente do capitalismo global, de modo que sua dinâmica econômica apresenta um papel eficiente ao fornecer uma perspectiva sobre o Antropoceno que, na maioria das vezes, se apresenta como um panorama conflituoso (Farrier, 2019).

Ao pensar, desse modo, a estratégia capitalista como um protagonista na formação do planeta no tempo corrente, o homem é, consequentemente, o agente por excelência nesse processo, uma vez que, em comparação aos outros seres vivos – ou não-humanos, contém sua habilidade racional em estabelecer medidas favoráveis à sua permanência como espécie. Por isso, averigua-se que a forma pela qual o capitalismo exerce a função sobre a Terra está não em eliminar as diferenças entre os seres, mas, sim, apropriar-se delas em vista das condições dadas ao indivíduo em se apropriar daquilo que o meio ambiente apresenta em sua constituição ambiental.

O alinhamento existente entre o Antropoceno e o capitalismo se torna um fator evidente a ponto de se pensar o período vigente como "Capitaloceno" (Moore, 2016) e, desta temática, outras questões são derivadas, como o dilema entre poder e classe, os enquadramentos dualistas de "natu-

reza" e "sociedade" e o papel dos estados e impérios. Porém, não há dúvida de que o aspecto elementar a ser considerado do capitalismo no Antropoceno é que esse modo econômico impõe um padrão implacável de violência à natureza, incluindo os humanos, mas que funciona porque a violência faz parte de um repertório mais amplo de estratégias que colocam a natureza à mercê dos propósitos unicamente racionais da humanidade (Moore, 2016). Além disso, a natureza é observada como um elemento barato influenciado pelas intervenções capitalistas dos últimos séculos, seja no preço ou na sua inferiorização por um plano ético-político.

Assim, Andersen (2020) entende que o capitalismo estrutura o comportamento humano em relação a tudo o que existe como um domínio. Ou, ainda, que este domínio irá acelerar o empobrecimento da Terra, enquanto a ciência gerenciada pelo homem continuar a ser apropriada pela busca econômica de lucros cada vez maiores. Por conseguinte, esta procura não está apenas causando destruição no sistema terrestre, mas também na vida humana em sua totalidade. Operam-se, nesse caso, modos de vida baseados nos excessos e que não preservam a base funcional da existência, isto é, as plantas, os animais e os próprios indivíduos. Isto posto, fatores como a escassez de alimentos, o aquecimento global e as mudanças físicas dos ambientes terrestres são formas pelas quais o planeta demonstra os limites e perigos em tratar a natureza como uma fonte monetária, uma vez que a humanidade ignora as suas dimensões culturais e espirituais, e a incorporam na mentalidade utilitarista capitalista.

Associados a essa percepção do contexto antropocêntrico e o capitalismo como forças modeladoras da Terra, tanto os romancistas como os críticos em geral partilharam um consenso notável sobre as causas econômicas das alterações climáticas, e confirmaram que o capitalismo se revelaria um aspec-

to mais potente do que a temperatura global (Trexler, 2015). Nos últimos anos, surgiram ficções que se dedicaram a descrever essa complexa reconfiguração da ecologia humana e o quanto isso se torna influente na interpretação do cenário controverso que abrange o planeta ao longo do tempo. Nesse conjunto, as distopias, por exemplo, destacam precisamente a incapacidade das gerações futuras de se adaptarem às alterações climáticas e as estruturas ditatoriais que as subjugam, o que sugerem não apenas que a sociedade global será mais pobre, mas que os seus impactos poderão ser mais desastrosos do que se poderia supor. Neste sentido, as distopias propõem as convergências do processo político e ético entre o presente e o futuro, cuja reflexão está na necessidade de mudanças imediatas.

Em vista do quanto esses elementos são expostos pela arte literária, a Ecocrítica é uma área atuante no sentido de promover a compreensão de como a natureza é representada, quando é representada, como a crise ambiental é influente na produção do texto literário e como os conceitos de meio ambiente são considerados ao longo dos séculos ao tratar a infinitude de obras que, de alguma forma, abordam o tema. Nessa ótica de leitura, observa-se que é uma visão orientada não unicamente para os problemas ecológicos, mas que transgridem as fronteiras disciplinares e desenvolvem um olhar comprometido com a questões ambientais o tanto quanto possível (Garrard, 2004).

Logo, origina-se um estudo do texto em vista da sua proposta cultural, ética, política e social circundante à estruturação situacional da obra, com base na percepção do produto literário como uma ferramenta de denúncias sobre os efeitos que permeiam as comunidades ambientais da Terra às ordens do capitalismo no Antropoceno. É, pois, por esse ângulo analítico que a narrativa em *Jogos vorazes* é considerada, especialmente na

vilania antropocêntrica existente na condição do antagonista da obra e da própria Capital, centro governamental e metropolitano de Panem, ambos considerados como representações da problemática atuação do Antropoceno na sobrevivência dos seres humanos e não-humanos.

## O antropocentrismo em *Jogos vorazes*: a Capital e o presidente Snow

Na maioria das narrativas distópicas, é comum a presença de um governo opressor e totalitário como principal antagonista. Ao atentar para a ficção distópica enquanto crítica social, Booker (1994) destaca a autoridade totalitária como um dos elementos mais predominantes desse tipo de romance enquanto gênero literário, a exemplo do diretor Thomas "Tomakin" e do "Grande Irmão" que, respectivamente, são personagens que representam os regimes tiranos dos romances distópicos *Admirável Mundo Novo* (1932), de Aldous Huxley, e *1984* (1949), de George Orwell. Nesse viés, os textos dessa categoria se desenvolvem como uma desaprovação das ações dos poderes intransigentes que controlam as sociedades neles ilustradas.

Em *Jogos vorazes*, esse fator se aplica através do principal antagonista, o presidente Coriolanus Snow, ou, simplesmente, presidente Snow. O seu nome carrega sentidos simbólicos fundamentais para estabelecer uma compreensão sobre a personalidade atribuída a ele. O primeiro deles, Coriolanus, se refere ao general e líder romano Caio Márcio Coriolano que, apesar de ter sido um homem indiferente aos prazeres e riquezas, eram notórias a "arrogância e ingratidão que ele mostrava nas relações com os seus concidadãos, pois eram próprias de um oligarca" (Plutarco, 2010, p. 120-121). Na literatura clássica, essa personagem histórica adquiriu uma atenção especial na obra do dramaturgo inglês William Shakespeare, na tragédia *Coriolano* (1608).

Apesar de não integrar o *corpus* central desta pesquisa, cabe aqui destacar o romance *A cantiga dos pássaros e das serpentes* (2020). Diferente da saga de Katniss, a narrativa se desenvolve em 3ª pessoa e está situada nos acontecimentos da 10ª edição dos Jogos Vorazes – em um período temporal de 64 anos anteriores à trama da trilogia –, centrada na trajetória do jovem Snow como mentor[1] dos jogos antes de se tornar presidente de Panem. Nessa temporada do torneio, designar um mentor era uma novidade promovida pela Capital, uma vez que, na época ilustrada na narrativa, não havia ganhadores suficientes para orientar os tributos de todos os distritos e, desse modo, selecionavam os jovens do último ano da Academia – o sistema educacional da Capital – para desempenharem essa função.

Na trama, é possível verificar o sentido que o nome dele contém em sua natureza a ponto de identificá-lo no seu caráter, como Snow próprio afirma: "– Snow cai como a neve, sempre por cima de tudo" (Collins, 2020, p. 17). Como o texto já expõe, a palavra snow significa "neve" em inglês, cujo significado é fundamental para compreender a sua condição durante o espaço temporal entre a 10ª e a 74ª edição dos Jogos Vorazes que, ordenadamente, são contextos que ilustram os romances *A cantiga dos pássaros e das serpentes* e *Jogos vorazes*. A neve é um elemento natural que, conforme observa Ad Vries (1974), é caracterizada pela sua cobertura eficaz e sólida, mas que, concomitantemente, possibilita a sua autodestruição devido ao derretimento da matéria que a compõe. Desse modo, a nomeação do personagem com base em um elemento natural já opera uma estratégia antropocêntrica de centralizar a narrativa para a condição de supervivência do homem.

1 Na trilogia *Jogos vorazes*, o cargo de mentor é ocupado pelo vencedor de uma das edições dos jogos, cuja tarefa está em treinar os tributos de seu distrito de origem (Collins, 2010).

Logo, o governo de Snow é um poder firme e permanente tal como a neve, simbolizada pela continuidade de sua administração por anos, em vista de que, entre os fatos ocasionados na 10ª edição e o voluntariado de Katniss na 74ª, o antagonista ainda está como presidente de Panem. Por uma ótica comparatista, observamos que o termo 'snow' é recorrente em diversas obras, como em *Oryx e Crake* (2003) – da canadense Margaret Atwood – em que há um protagonista com nome semelhante: Jimmy, cujo apelido é "Snowman", ou "abominable Snowman" – o abominável homem das neves, criatura mítica originária do Himalaia. Entretanto, enquanto Atwood lhe atribui a pecha de "abominação" por seu estado de sobrevivente isolado em seu próprio habitat, Collins relega a Snow a repulsa por excelência devido à ambição e à perversidade existentes em seu comportamento. Por outro lado, pode-se também atribuir uma comparação do presidente Snow com a personagem Snow Ball [Bola de Neve], de *A revolução dos bichos* (1945) de Orwell, cuja postura de ambos está relacionada ao sistema totalitário gerenciado por eles.

De fato, ao focarmos em *Jogos vorazes*, percebe-se que há poucas referências diretas ao governante. Todavia, as medidas tomadas pela Capital e descritas por Katniss sugerem a crueldade e o egoísmo de Snow para controlar a nação que administra, como ela narra no seguinte trecho: "Quando eu era mais nova, assustava minha mãe pra valer com as coisas que eu soltava sobre o Distrito 12, sobre as pessoas que governam nosso país, Panem, da longínqua cidade chamada Capital" (Collins, 2010, p. 12). Para garantir a submissão da população às suas ordens, Snow usufrui dos bens naturais como ferramentas poderosas de oferta e troca para instituir uma condição de dependência dos cidadãos e, por essa ação, evolui o seu status econômico de metrópole, o que ilustra uma prática antropocêntrica e capitalista para a ma-

nutenção da riqueza do centro governamental.

Por isso, compreendemos que a Capital sugere uma realização metafórica do próprio ideal capitalista. Pela sua distinção de crescimento econômico em comparação aos distritos que formam Panem, o centro metropolitano se apresenta como a imagem de um cenário beneficiado pela concentração e exploração dos bens de consumo originados desses locais, visto, por exemplo, pela ausência de energia elétrica no Distrito 12 em comparação a Capital: "A Capital pisca como um vasto campo repleto de vaga-lumes. A eletricidade no Distrito 12 não é algo constante. Normalmente, contamos apenas com algumas horas diárias de luz. Frequentemente, as noites são passadas à luz de vela" (Collins, 2010, p. 90). De acordo com Fremaux (2019), lugares que são formados pelo progresso, determinados como núcleos econômicos e estabelecidos mesmo após os declínios em sua formação natural e social – como o pós-apocalipse ambiental ocorrido em Panem – são representações de um desenvolvimento resultante do poder de recuperação que supre as lacunas que as prescrevem. No caso da ficção em análise, isso é verificado na consolidação de poder na Capital após o levante anteriormente acarretado pelos distritos contra a metrópole (Collins, 2010).

Nesse sentido, a postura da Capital representa uma problemática da própria sociedade capitalista existente ao longo da história da humanidade, bem como da supervalorização dos atos antropocêntricos em favor da espécie humana. Huberman (1967) aponta esse aspecto ao destacar que, no capitalismo, o resultado do trabalho coletivo e socializado se destina a uma apropriação privada, individual. Em *Jogos vorazes*, isso é revelado na organização de Panem, no que se refere às ações aplicadas à natureza pelos cidadãos para a obtenção de seus recursos e, de imediato, a sua destinação para a Capital, isto é, cada distrito é responsável por produzir uma determina-

da matéria-prima para a manutenção da Capital, por exemplo: o Distrito 1 e o Distrito 12 fornecem, respectivamente, artigos de luxo e mineração, assim como o Distrito 2, com alvenaria e armamentos, etc. (Collins, 2010). Logo, os produtos não são usufruídos por quem produz, mas pelos governantes capitalistas donos dos meios de produção.

Consequentemente, essas condições possibilitam o surgimento de conflitos entre os detentores de poder e por aqueles que se submetem a tal regime. Nesse sentido, os sujeitos que não se adequam às medidas impostas são destinados a potenciais punições, como a morte. Os Jogos Vorazes mantidos por Snow demonstram esses atos que o sistema capitalista desempenha para a conservação e centralização de seus ideais de desenvolvimento econômico, o que corrobora o que Marx (*apud* Huberman, 1967, p. 242) observa: "Um capitalista sempre mata muitos [...] cresce a massa da miséria, opressão, escravidão, degradação, exploração", fatores bastante presentes na conjuntura que circunscreve os distritos de Panem.

No seguinte excerto, por exemplo, Katniss narra a Peeta um fato referente a uma situação vivenciada por ela e Gale na floresta que circunda o Distrito 12. Nele, é possível perceber o sistema de medo e vigilância instalado pela Capital aos distritos de Panem:

> Estávamos caçando na floresta um dia. Escondidos, esperando alguma caça aparecer [...].
> De repente, todos os pássaros pararam de cantar. Exceto um. Como se estivesse dando um alerta. Foi quando a vi [...]. Tinha um garoto com ela [...].
> [...] Talvez pudéssemos tê-los escondido, se tivéssemos nos movido com rapidez. Gale e eu fomos surpreendidos, fomos sim, mas somos ambos caçadores. Nós sabemos como os animais se comportam quando estão sendo caçados. Nós percebemos que o casal estava em perigo assim que o vimos. Mas só observamos.

> – O aerodeslizador[2] apareceu do nada – continuo [...]. Então o aerodeslizador já não estava mais lá. Desapareceu no ar. E os pássaros começaram a cantar novamente, como se nada houvesse acontecido (Collins, 2010, p. 91-92).

Nesse segmento narrativo, observamos dois elementos: o primeiro corresponde à possível cumplicidade existente entre as personagens humanas e os pássaros ao relatar a ação desses últimos em silenciar e, logo após, emitir um aviso sobre a presença do transporte da Capital em meio ao ambiente florestal. Por mais que Katniss e Gale sejam caçadores, eles, juntamente com os animais, formam uma comunidade regida por uma autoridade ditatorial superior que manipula todos os seus membros de forma violenta, desde a integração de crianças e jovens nos Jogos Vorazes até a utilização dos animais para experimentos genéticos que alteram a sua constituição, o que é uma prática usual dos cientistas da Capital para atender às necessidades do governo (Collins, 2010).

Nesse caso, as medidas de Snow ocasionam atos de violência psicológica contra todos os membros da comunidade ambiental mediante um eventual futuro devastador aos que são submetidos às ordens do governo antropocêntrico. Ao tratar da violência sobre o meio ambiente, Nixon (2011) analisa que comunidades em conflito, assoladas por perigos e vulnerabilidades em seu condicionamento – como os distritos de Panem –, encontram maneiras de transmitir seus medos internos e a sensação vivenciada por um ambiente corroído sobre a apreensão gerada por estruturas dominantes de poder, como o regime político da Capital. No romance, essa

2 Em toda a trilogia, o aparelho corresponde a um tipo de aeronave utilizada em Panem para várias finalidades, como o transporte (Collins, 2010).

forma comunicativa de receio é observada através do canto dos pássaros, cujo ato corresponde ao seu principal mecanismo de expressão natural.

Outro aspecto a ser elencado no trecho anterior está no modo pelo qual Katniss demonstra sua impressão sobre o casal encontrado na floresta, ou seja, uma comparação com os animais na condição de quando estão prestes a serem capturados. O texto desperta uma atenção para a colocação de humanos e animais em um mesmo patamar no plano de serem possivelmente apanhados para suprirem as necessidades de um mesmo "predador": a Capital/Snow. A protagonista, por sua vez, reconhece a situação e revela um altruísmo específico para os de sua espécie, o que constitui também uma postura antropocêntrica. Porém, da mesma forma que a razão – qualidade específica do homem enquanto ser racional – contribui para criar sentimentos de abnegação pelo outro, essa mesma qualidade do indivíduo pode ser aplicada voluntariamente para defesa de outras espécies que se encontram ameaçadas pela ação humana (Mckibben, 2003).

Dentre essas medidas administrativas que mantêm a continuidade do progresso da Capital, Snow aplica uma estratégia essencial na distribuição minoritária de recursos aos distritos: a utilização de tésseras. Assim como na história da Roma Antiga, a téssera era considerada um tipo de ficha de admissão ou identificação para cidadãos que desejavam ter acesso a determinados espaços de entretenimento ao público, como teatros (Dillon e Garland, 2005). No *corpus* em estudo, esse elemento assume uma nova roupagem: ele equivale a um suprimento anual de grãos e de óleo para cada pessoa, de forma que isso só pode ser obtido se os jovens entre doze e dezoito anos colocarem o seu nome para o sorteio ocorrido posteriormente na cerimônia que determina o casal de tributos pertencentes a cada distrito para a edição dos jogos (Collins, 2010). Isso significa que, quanto mais o jovem cidadão inscrever o

seu nome para sorteio, mais suprimentos ele poderia obter para a sua família, e isso constituía uma garantia de sustento para todos os membros e, ao mesmo tempo, seria um instrumento de admissão de quem a adquirisse para um evento público, mas, em oposição ao contexto romano, era uma espécie de ingresso ao "espetáculo" de aniquilação promovido pelos jogos, televisionado para toda a Panem.

Na obra em questão, apesar de ser um método de total repressão para os distritos, o controle dos recursos naturais aos cidadãos é também resultado do desastre que dizimou a antiga América do Norte e que contribuiu para o nascimento de Panem. De fato, o governo de Snow propõe uma ação urgente no que se refere à mercantilização e privatização desses suprimentos para a população do país. No entanto, isso só favorece aos residentes da grande metrópole, enquanto que os outros distritos são atingidos pela miserabilidade e submissão ao colocar a inscrição de crianças e jovens como "moeda" para a compra desses elementos. Por isso, evidencia-se que a presidência de Panem desenvolve um sistema de mercado que sustenta os valores antropocêntricos e capitalistas, sendo a natureza tratada como uma mercadoria marcada enquanto propriedade de elite da Capital para, assim, ser coordenada pelos moldes da supremacia governamental de forma favorável aos seus propósitos. Dessa maneira, a tudo, inclusive aos habitantes dos distritos, foi designado um valor descartável pela sua categorização como objetos de mercado.

Com efeito, há uma anulação da própria humanidade daqueles que residem nos distritos de Panem, e esse perfil é fielmente representado na própria cerimônia dos jogos, denominada pela Capital como "colheita". Observamos a caracterização desse evento pelo olhar crítico da protagonista, contido no seguinte excerto do romance:

> O sistema da colheita é injusto, com os pobres ficando com a pior parte. Você se torna elegível para a colheita no dia em que completa doze anos. Nesse ano, seu nome é inscrito uma vez. Aos treze, duas vezes. E assim por diante até você atingir a idade de dezoito anos, o último ano elegível, quando seu nome aparece sete vezes no sorteio. É assim que acontece para todos os cidadãos nos doze distritos em todo o país de Panem (Collins, 2010, p. 19).

Enquanto a colheita, em seu sentido conotativo, é o conjunto de ações humanas voltadas para a coleta de produtos agrícolas, esse ato adquire um significado cruel determinado pela Capital no viés denotativo, isto é, os indivíduos são coletados em favor de outros, com o intuito de consolidar o poder ditatorial do governante Snow. Como resultado dessas medidas, os sujeitos em *Jogos vorazes* recebem uma categoria de usufruto humano perante as medidas impostas pelo presidente com o objetivo de firmar o medo e a submissão daqueles que dependem do governo para viverem em Panem, mesmo que obtenham o mínimo para a sua subsistência.

O texto, portanto, opera uma realidade emergente sobre as políticas de sobrevivência na era antropocêntrica. Conforme analisa Beeson (2019) acerca do panorama contemporâneo das relações ambientais e sociais, os impactos que atingiram o sistema natural e contextual dos indivíduos ocasionaram o surgimento de ordens políticas que, continuamente, alteram a dinâmica econômica das nações, a exemplo dos atos de apropriação dos bens de consumo que determinaram a divisão dos países em desenvolvidos e subdesenvolvidos. Nesse sentido, o destino de grande parte da sociedade humana está nas mãos de uma elite econômica com propósitos que raramente concordam com o bem comum, especialmente com as classes mais impotentes, marginalizadas e vulneráveis, cujos cidadãos ocupam um lugar subordinado

da economia global. Esse aspecto do Antropoceno, portanto, é evidente no contexto da obra ao percebermos o tratamento do governo elitista de Snow para com os distritos, que constituem sociedades párias formadas pelas intervenções excludentes do poder autoritário.

Como continuidade da adequação da imagem de mercadoria aos residentes dos distritos, os participantes dos jogos são manejados por essa perspectiva durante toda a realização do torneio, verificada pela integração de "patrocinadores", compostos pela classe elitista da Capital que, por permissão do governo, podem apostar e enviar recursos para os tributos em arena (Collins, 2010). Para tanto, os jogadores precisam demonstrar a sua eficiência nas habilidades de sobrevivência diante das câmeras, e Katniss desempenha esse papel através de suas ações de caça e camuflagem, como ela descreve no trecho a seguir:

> Agora estou contente pela presença das câmeras. Quero que os patrocinadores vejam que sei caçar, que sou uma boa aposta porque não serei atraída a armadilhas tão facilmente quanto os outros que estão famintos. Enquanto o coelho está assando, trituro um pedaço de galho carbonizado e começo a camuflar minha mochila laranja (Collins, 2010, p. 180).

Assim, matar animais não é somente um ato de sobrevivência em arena, mas o que se sobrepõe é a imagem que ela quer construir para atrair apostadores que auxiliem no seu percurso dentro dos jogos. Logo, ao serem caçados, os não-humanos também se tornam manipuláveis pelas ordens dos humanos em vista das condições em que eles se apresentam, como no caso de Katniss, que necessita aniquilar animais para realizar sua performance eficaz como caçadora. Isso reflete uma dificuldade que a natureza encontra

no seu projeto de instaurar o seu estado de direito à permanência no meio ambiente, ou seja, a ideia de que ela "não é um *agente*, um ser suscetível de agir com a *reciprocidade* que se espera de um *alter ego* jurídico. É sempre *para os homens que existe o direito*, é para eles que a árvore ou a baleia podem se tornar os *objetos* [...] – não o inverso" (Ferry, 1994, p. 180-181, grifos do autor). Em oposição, é o sistema natural, com os seus modos ecossistêmicos de integração no Planeta, que contribui para a continuidade de todos os seres que estão nele, sobretudo dos humanos, que usufruem exacerbadamente desse benefício antropocêntrico.

Nessa mesma perspectiva de sobrevivência em meio aos jogos, outro elemento pertinente é a integração do ideal cornucopiano, existente na materialização da própria "Cornucópia". Segundo Simon (1998), o termo "cornucopianismo" se refere a uma perspectiva econômica e política que defende a capacidade humana de solucionar problemas e superar desafios pelo desenvolvimento tecnológico e o crescimento econômico. Nesse caso, os cornucopianos creem que os recursos naturais do planeta são inesgotáveis ou podem ser substituídos por outros recursos, além de que a inovação tecnológica poderá permitir a exploração e utilização desses recursos. Centraliza-se, portanto, na ideia de que o progresso humano é possível e que os recursos sempre podem ser adaptados ou substituídos por outros. Em *Jogos vorazes*, a Capital oferece aos tributos um local composto por armas e suprimentos como forma de conceder um tempo maior de sobrevivência ao longo do evento, local este nomeado como "Cornucópia". No seguinte fragmento, Katniss expõe a caracterização e a utilidade desse espaço:

> Sessenta segundos para ingressar no ringue de tributos, todos equidistantes da Cornucópia, um chifre dourado gigante no formato de um cone com uma cauda curva-

> da, cuja boca tem pelo menos seis metros de altura e está recheada das coisas que nos manterão vivos nessa arena (Collins, 2010, p. 163).

Ao trazer a Cornucópia como centro de refúgio com os recursos da arena, o texto explora o cornucopianismo como uma das metáforas de interesse para o estudo em Ecocrítica e que abrange as relações materiais do homem com a natureza na atualidade. Assim como os alimentos, as armas e outros fornecimentos são originados dos bens naturais e que, em razão de sua insuficiência, são posteriormente colocados como estímulos de embates entre os tributos, concretiza-se o panorama antropocêntrico apontado pelos cornucopianos no contexto real, isto é, a escassez de suprimentos para o sustento da humanidade, o que contribui continuamente para o surgimento de concorrência entre grandes empresários capitalistas, que buscam fontes, materiais ou processos que o substituam e que, por conseguinte, conduza-os para sua evolução econômica.

Embora haja um consenso entre os cientistas sobre as ameaças ambientais governadas pelo capitalismo do mundo contemporâneo, existem alguns que creem no cornucopianismo como algo excessivo ou, até mesmo, inexistente. Para eles, o sistema capitalista poderia executar uma incalculável "cornucópia de riqueza" e desenvolvimento pessoal, além de atribuir uma diminuta valorização à natureza, exceto quando ela cumpre a função de utensílio para a aquisição de prosperidade e bem-estar do homem e, somente por essa razão, assume um caráter prestigiado no que é útil ao interesse antropocêntrico de progresso dos seres humanos. Assim, a metáfora cornucopiana, associada a essa ideia de uso desenfreado da natureza, revela um padrão específico de percepção e conotação ideológica ao apontar as implicações geradas pela exploração ou esgotamento desmerecido dos bens naturais fundamen-

tais para a permanência da humanidade.

Para Grewe-Volpp (2006), representações simbólicas sobre a exploração natural e os embates praticados pelos cornucopianos expõem pontos de vista que refletem e influenciam o modo como a sociedade lida com os recursos que o Planeta oferece. Alguns podem observar essas ações ao atentar para as vantagens aos humanos no consumo; outros, todavia, evocam o respeito e o cuidado necessário para evitar tais comportamentos com o meio. Nesse caso, as metáforas que utilizam a natureza jamais serão simplórias ou neutras, mas transmitem ideias que, em contrapartida, estimulam um pensamento voltado para o cultural e o social.

Assim, o consumismo ilimitado dos bens naturais afasta os indivíduos da sua racionalidade e supera as leis morais humanas, o que os conduz a uma exploração descompromissada do meio ambiente e de espécies animais e vegetais, bem como do próprio homem, de forma completamente antiética (Chang e Ralph, 2013), tal como o poder da Capital exercido nos jovens tributos. Como exemplo, destacamos como o ambiente da Cornucópia desempenha um espaço simbólico para a criação de conflitos entre os sujeitos mediante a sua busca urgente por alimentos e utensílios para a manutenção de si:

> Quando a comida está escassa, os Idealizadores dos Jogos convidam os jogadores para uma refeição em algum local de conhecimento de todos, como a Cornucópia, por exemplo, para induzir à reunião e ao combate. Às vezes, há um banquete, às vezes, não há nada além de um pãozinho mofado pelo qual os tributos devem competir. Eu não iria pela comida, mas essa poderia ser uma boa oportunidade para acabar com alguns competidores (Collins, 2010, p. 261).

Com seu método cornucopiano, Snow e seu grupo de Idealizadores reforçam a brutalidade e a divisão entre os distritos através do estímulo contínuo de confronto em meio aos participantes dos jogos. A propósito, se a Capital, em certas situações, prepara um banquete suntuoso, não há razão para recusar aquilo que é oferecido. Dentro dessa temática, Borlik (2011) considera que a lógica do cornucopianismo está no viés de se aproveitar daquilo que a natureza concede em uma perspectiva antropocêntrica, de modo que os recursos dela oriundos que não são usufruídos pelo homem são vistos como "desperdício", a menos que sejam desviados para interesses humanos, principalmente aos grandes detentores de poder, que estendem o manuseio desses bens para fins evolutivos de seu capital.

Percebemos, então, que a plena prosperidade de recursos constitui o elemento central para a compreensão da ideia cornucopiana. Por essa visão de garantia de bens para subsistência, o argumento principal apresentado pelos adeptos dessa perspectiva é de que, através das relações de dinamicidade entre as economias capitalistas, é possível estimular soluções para os problemas ambientais conforme eles surgirem. Composto por demógrafos de livre mercado e economistas, o grupo de cornucopianos ainda afirma que o aumento populacional provavelmente possibilitará um nível de riqueza que contribua para o surgimento de melhorias para o meio ambiente, isto é, quanto mais pessoas ocuparem o Planeta, maior a quantidade de mentes mais engenhosas, mãos mais produtivas, um maior consumo e, por isso, uma plena evolução econômica.

Ademais, com base em estatísticas como verificação da poluição local ou expectativa de vida, os agentes do pensamento cornucopiano declararam que o bem-estar da humanidade obteve um aumento considerável jun-

tamente com a quantidade da população humana mundial, o crescimento econômico e a evolução tecnológica. Eles atentam, portanto, que a falta de recursos naturais disponíveis para suprir as necessidades dos seres humanos constitui uma afirmação errônea, de modo que isso pode ser constatado mediante a queda momentânea de preço verificada em alguns alimentos, minerais e outras mercadorias em vista dos salários, e quando um recurso específico se torna dificultoso no seu processo de aquisição, há um aumento no custo, e isso motiva os empresários capitalistas a analisarem outras possibilidades, métodos ou instrumentos que possam substituí-lo. Caso eles encontrem meios de troca desse produto, há uma diminuição no valor monetário do produto original.

Apesar do governo de Snow, com todos os atos empregados contra os distritos e refletidos nos jogos, realizar uma administração política aparentemente irrevogável e resistente como a neve, sua fragilidade se revelará no prosseguimento narrativo da trilogia, o que resultará em uma queda governamental gradativa ocasionada pelas ações de combate lideradas por Katniss juntamente com outros cidadãos. Assim como o fogo causa o derretimento da neve, a narrativa também recorre a essa simbologia do processo natural ao atribuir a ela a imagem política de uma "garota quente" ou "em chamas", idealizada por Cinna, o estilista determinado pelo governo para a apresentação de Katniss perante o público. Vejamos o seguinte trecho narrativo:

> Algumas horas depois, estou vestida em algo que ou vai ser a mais sensacional ou a mais horrenda roupa da cerimônia de abertura. Estou usando uma peça única preta que me cobre do tornozelo ao pescoço [...]. Mas são a pelerine esvoaçante – com matizes de laranja, amarelo e vermelho – e o chapéu que definem a roupa. Cinna planeja iluminá-los com fogo pouco antes de nossa carruagem entrar nas ruas. – Não são chamas reais, é claro, é apenas um foguinho

> sintético que Portia e eu inventamos. Você vai estar perfeitamente segura – tranquiliza-me ele. Mas não estou convencida de que quando chegarmos ao centro da cidade não estarei parecendo um churrasquinho.
> [...]
> – Eu quero que o público a reconheça quando você estiver na arena – diz Cinna, sonhador. – Katniss, a garota quente (Collins, 2010, p. 75).

Cinna é um dos primeiros cidadãos da própria Capital a agir contra o sistema governamental de Snow, e é em Katniss que ele encontra a criação de um slogan para expressar suas ideias revolucionárias através das vestimentas criadas para a jovem. Observamos, então, que não são atos violentos contra o poder ditatorial que movem o estilista, mas o seu retorno aos elementos naturais para conquistar as grandes massas populares que formam Panem. Como afirma Michale Ferber (2007), o fogo, em sua simbologia, significa um recurso importante para a vida humana e é uma substância fundamental do mundo, visto que o elemento se concretiza na natureza de muitos meios, como no sol, nos relâmpagos, em simples faíscas ou em grandes aglomerações de uma cidade ou floresta. Dessa maneira, os sentidos para o fogo não são somente múltiplos, mas ambíguos, pois o que aquece pode queimar, assim como o que ilumina pode deslumbrar e provocar cegueira. Em *Jogos vorazes*, ele atua como uma ferramenta de destruição para "derreter" o sólido governo antropocêntrico e capitalista do presidente Snow, fator amplamente explorado nos outros volumes que constituem a saga literária.

## Considerações finais

Diante da abordagem aplicada sobre *Jogos vorazes*, pretendeu-se analisar a representação do antropocentrismo na postura do presidente Snow e na

própria configuração governamental da Capital na ficção, a fim de estabelecer a compreensão do quanto esses elementos narrativos ilustram o protagonismo humano contingente à Terra e aos seres que nela habitam. Observamos que há uma relação evidente sobre o quanto os valores racionais do alto poder referentes à estabilidade econômica se sobrepõem, a nível de colocar humanos e não-humanos como peças fundamentais para a preservação de sua condição eminente gerada pelo capitalismo inconsequente.

No romance em análise, entendemos que a narrativa desempenha um papel evidente ao ilustrar a potencialidade das distopias no que diz respeito a estabelecer reflexões sobre o protagonismo da humanidade em tornar um planeta em crise. A Ecocrítica, enquanto uma área pertencente aos Estudos Culturais, constituiu um elemento eficiente em trazer essa temática à tona pelo fato de promover essa visão interdisciplinar do produto literário com os Estudos Ambientais. Assim, elementos como a condição representativa dos indivíduos e da natureza, as formas econômicas e regenciais instituídas e expostas na obra, a idealização do pensamento cornucopiano, entre outros aspectos, se tornaram projeções essenciais ao trazerem para o leitor o quanto esses aspectos estão presentes na dinamicidade do tempo presente.

Rever os modos de centralização e supervalorização das vontades humanas a partir do usufruto do planeta, bem como de todos os seres, é um ato urgente, de modo que "essa loucura suicida, exploração capitalista, durará pouco tempo, e logo seremos obrigados a encarar, coletivamente, a dura realidade" (Bernardin, 2015, p. 156). Essa percepção se estende para questionar a atividade humana como um fator além de uma força transformadora da Terra, ou seja, a crescente interferência do homem como um processo que afetará continuamente a saúde, a segurança e a prosperidade de sua

espécie. Nesse sentido, o Antropoceno é visto como um sistema completo, de maneira que os meios adotados pela sociedade para garantia de sobrevivência emergem sempre de uma maior extração dos bens naturais e do trabalho humano. Todavia, ao mesmo tempo, observamos uma eliminação da consciência coletiva, visto pelos impactos ocasionados pelo capitalismo ao concentrar, por circunstâncias radicais, os recursos obtidos para grupos privilegiados economicamente e socialmente.

Compreendemos que *Jogos vorazes* fornece um espaço fértil em prever o quanto das ideologias humanas de progresso podem influenciar na preservação do planeta e, sobretudo, na condição do sujeito em meio à era do Antropoceno. É essencial perceber que a forma pela qual o ser humano exerce sua autonomia econômica, política e social em comparação aos não-humanos encaminha a vida planetária para um cenário repleto de falhas éticas e morais contra a natureza e a si mesmo, e a sociedade tende a ser um impulso não somente modelador da Terra, mas aniquilador daquilo que resta para a supervivência dos que compõem o globo. Isso, portanto, seria nada mais do que concretizar um panorama semelhante – ou talvez pior – ao do horizonte distópico coordenado por valores antropocêntricos de progresso.

**Referências**

ANDERSEN, Gregers. *Climate Fiction and Cultural Analysis*: A New Perspective on Life in the Anthropocene. New York: Routledge, 2020.

BERNARDIN, Pascal. *O Império ecológico, ou A subversão da ecologia pelo globalismo*. (Trad.) Diogo Chiuso e Felipe Lesage. São Paulo: Vide Editorial, 2015.

BEESON, Mark. *Environmental Populism*: The Politics of Survival in the Anthropocene. Australia: Palgrave Macmillan, 2019.

BOOKER, M. Keith. *The Dystopian Impulse in Modern Literature*: Fiction as Social Criticism. London: Greenwond Press, 1994.

BORLIK, Todd A. *Ecocriticism and Early Modern English Literature*: Green Pastures. New York: Routledge, 2011.

CHANG, Chia-ju; RALPH, Iris. Women and Interspecies Care: Dog Mothers in Taiwan, In: GAARD, Greta; ESTOK, Simon C.; OPPERMANN, Serpil (Ed.). *International Perspectives in Feminist Ecocriticism*. New York: Routledge, 2013. p. 151-165.

COLLINS, Suzanne. *Jogos vorazes*. (Trad.) Alexandre D'Elia. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2010.

COLLINS, Suzanne. *A cantiga dos pássaros e das serpentes*. (Trad.) Regiane Winarski. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

DILLON, Matthew; GARLAND, Lynda. *Ancient Rome*: A Sourcebook. London and New York: Routledge, 2005.

FARRIER, David. *Anthropocene Poetics*: Deep time, sacrifice zones and extinction. London: University of Minnesota Press, 2019.

FEDER, Helena. *Ecocriticism and the idea of culture*: Biology and the Bildungsroman. England: Ashgate, 2014.

FERBER, Michale. *A Dictionary of Literary Symbols*. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2007.

FERRY, Luc. *A nova ordem ecológica*. São Paulo: Ensaio, 1994.

FREMAUX, Anne. *After the Anthropocene*: Green Republicanism in a Post--Capitalist World. United Kingdom: Palgrave Macmillan, 2019.

GARRARD, Greg. *Ecocriticism*. London: Routledge, 2004.

GREWE-VOLPP, Christa. Nature "out there" and as "a social player": some basic consequences for a literary ecocritical analysis. In: GERSDORF, Catrin; MAYER, Sylvia (ed.). *Nature in Literary and Cultural Studies*: Transatlantic Conversations on Ecocriticism. New York: Rodopi, 2006. p. 71-86.

HUBERMAN, Leo. *História da riqueza do homem*. (Trad.) Waltensir Dutra. 16. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

MCKIBBEN, Bill. *The End of Nature*: Humanity, Climate Change and the Natural World. London: Bloomsbury, 2003.

MOORE, Jason William. Introduction: Anthropocene or Capitalocene? Nature, History, and the Crisis of Capitalism. *In*: MOORE, Jason William (Ed.). *Anthropocene or Capitalocene*?: Nature, History, and the Crisis of Capitalism. USA: Kairos, 2016. p. 1-11.

NIXON, Rob. *Slow Violence and the Environmentalism of the Poor*. USA: Harvard University Press, 2011.

PLUTARCO. *Vidas Paralelas*: Alcibíades e Coriolano. (Trad.) Maria do Céu Fialho e Nuno Simões Rodrigues. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 2010.

SIMON, Julian L. *The Ultimate Resource*. USA: Princeton University Press, 1998.

TREXLER, Adam. *Anthropocene Fictions*: The novel in a time of climate change. Charlottesville and London: University of Virginia Press, 2015.

VRIES, Ad de. *Dictionary of Symbols and Imagery*. London: North-Holland Publishing Company, 1974.

Recebido em: 21/04/2024

Aprovado em: 30/04/2026

Publicado em: 12/11/2026

https://doi.org/10.5007/2176-8552.2026.e99757

***Esta obra foi licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.***